

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da VIII Feira Internacional de Autopeças, Equipamentos e Serviços (Automec)

São Paulo-SP, 09 de abril de 2007

O problema de ter um ministro maior do que o presidente é ter que ficar manuseando o microfone aqui.

Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro senador Eduardo Suplicy,

Meu caro senador Romeu Tuma,

Meu caro José Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado Feiras de Negócios,

Senhor Evaristo Nascimento, diretor da Automec,

Meus caros presidentes das entidades apoiadoras da Automec: Paulo Roberto Butori, do Sindipeças; Geraldo Luiz Santo Mauro, da Abrive; Frederico dos Ramos, da Andap; Mário Penhaveres Baptista, do Sicap; Luciano Figliolia, do Sincopeças; Antônio Carlos Fiola da Silva, do Sindirepa,

Senhores e senhoras dirigentes das entidades vinculadas ao setor de autopeças,

Empresários,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Expositores e visitantes da 8ª Feira Internacional de Autopeças e Equipamentos.

Quero cumprimentar os representantes do Uruguai e da Argentina que estão aqui, felizes pelo fato de termos feito, no ano passado e este ano, o acordo com a Argentina e o acordo com o Uruguai, e certamente iremos trabalhar para que outros acordos no setor possam acontecer.

Depois de ouvir cinco discursos eu penso que nós deveríamos ter uma palavra de reconhecimento e de incentivo ao setor de autopeças. Eu comecei a minha vida de metalúrgico trabalhando numa autopeça, eu fiz muitas passeatas

no começo da década de 90 contra a privatização. Quero aproveitar e chamar o prefeito Kassab aqui, por favor – já viro logo mestre de cerimônias. Eu fiz muitas passeatas e muitos protestos contra o que nós chamávamos “degradação da indústria de autopeças” no começo da década de 90, quando se começou a quebrar muitas empresas e importar muitos produtos.

E é com muita alegria que eu venho na 8ª Feira e constato que nós vivemos uma situação, se não uma situação privilegiada, com que todos nós sonhamos, vivemos uma situação como em poucos momentos vivemos, na história do País. Eu dizia ao Miguel Jorge, agora, que eu acabei de receber uma informação de que o risco-Brasil chegou a 155 pontos. Leio no jornal que a indústria automobilística produz carros como nunca produziu, e poderemos chegar a 2 milhões e 700 mil, 2 milhões e 800 mil carros no ano de 2007.

Mas muito mais importante é que, pela primeira vez, há uma combinação, há uma sintonia entre o crescimento do mercado externo e o crescimento do mercado interno. Quem é empresário aqui e quem há muito tempo participa desse setor sabe que este sempre foi um drama do Brasil: combinar crescimento das exportações com crescimento do mercado interno. Havia quem dissesse que isso era impossível ou havia quem dissesse que nós só deveríamos exportar os excedentes.

Ora, na medida em que a indústria automobilística, que há muitas e muitas décadas é o carro-chefe da economia brasileira, na medida em que ela começa a se modernizar e começa a entender que carro não é apenas um luxo para atender a um setor médio da sociedade, mas que também é um meio de transporte que pode fazer com que pessoas de mais baixo poder aquisitivo possam comprar um carro, o que está acontecendo neste momento? O que está acontecendo é que o consumidor brasileiro não está apenas preocupado com o custo final do produto que vai comprar, ele está preocupado é se a mensalidade que vai pagar cabe dentro do seu contracheque, cabe dentro do seu holerite.

Portanto, quanto mais facilidade nós tivermos para que o comprador brasileiro possa comprar um carro, mais ele vai comprar carro e mais a indústria automobilística brasileira vai produzir, porque o carro ainda continua sendo uma paixão nacional. Quem já tem um carro está sempre querendo trocar por um carro novo, quem não tem um carro, está sempre querendo

comprar um mais simples ou comprar um mais moderno de segunda mão. Esse é um sonho na cabeça do cidadão brasileiro, do ser humano. E hoje a indústria automobilística oferece uma multiplicidade de carros, é uma quantidade enorme de alternativas de produtos que a gente pode se dar ao luxo de escolher, coisa que a gente não podia fazer há um tempo atrás. Na minha geração de adolescente, nós não podíamos fazer isso, nós tínhamos dois ou três carros para comprar e olha lá.

Hoje o Brasil tem produtos de qualidade para vender ao mundo. Eu nunca consegui entender por que em países vizinhos nossos, que podem ter uma relação de irmãos com um país como o Brasil, que têm fronteiras com 10 dos países, as pessoas utilizavam carros vindo de outros países e não carros produzidos na Argentina, no Brasil ou no Uruguai. Por quê? Porque muitas vezes o Brasil agiu como se fosse um país subordinado às grandes economias e não agia enquanto país que se preocupava em estabelecer a política da similaridade entre os países vizinhos que, no fundo, no fundo, é onde pode ter as trocas mais sadias, é entre os países que compõem as nossas fronteiras.

Se o Brasil tiver impressão de que não basta crescer sozinho, de que é importante crescer, mas é importante que, em volta do Brasil, tenha uma quantidade de países com crescimento que também permita ao seu povo virar consumidor, todos têm a ganhar. E eu penso que é essa mentalidade que permeia a ação do governo, sobretudo representado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Vocês sabem que quem quer vender um produto não fica em casa esperando, não fica sentado no sofá vendo novela, achando que vai passar perto da sua janela um comprador que vai bater palmas e vai pedir o seu produto. Quem quer vender, vai para a rua. Quem quer vender, vai competir. Quem quer vender, vai mostrar. E o Brasil era muito acanhado. O Brasil parece que tinha vergonha de assumir o papel que lhe é devido na história. E a indústria automobilística brasileira e a indústria de autopeças são exemplos de que quando nós temos disposição, as coisas acontecem, e acontecem para valer.

O Brasil que eu prevejo para os próximos 15 ou 20 anos é um Brasil sem retorno. É um Brasil que cada um pode vir aqui falar e cada um pode fazer mais uma reivindicação, porque é normal que seja assim numa sociedade

democrática. Mas todos nós precisamos começar a analisar este País do patamar que cada um de nós encontrou. E todos nós sabemos que o Brasil se encontra num momento em que nenhum de vocês, e nem eu, que durante 20 anos da minha vida negociei do outro lado, vivemos o momento que estamos vivendo agora. Não só porque tem uma combinação perfeita na economia brasileira, e ainda temos que fazer determinados ajustes, aqui todos nós concordamos que é preciso reduzir os tributos no Brasil, aqui todos nós concordamos que é preciso reduzir a taxa de juros, sem perder de vista que nós não podemos permitir que a inflação volte, porque eu já vivi negociando com os empresários inflação de 84% ao mês. O que a gente obtia de aumento de salário não dava para a gente pagar as prestações do mês seguinte. E hoje nós, todos nós, conseguimos uma harmonia, se não perfeita ainda, a melhor que eu vejo no Brasil desde que me conheço por gente: a economia cresce, as perspectivas são extraordinárias, as empresas crescem. E eu dizia outro dia, numa reunião com o meu Ministro da Fazenda e com o meu Presidente do Banco Central que, muitas vezes, na teoria econômica, as pessoas deixam de analisar a coisa prática.

Nenhum empresário vai investir porque o Presidente pediu para investir ou porque o Ministro da Fazenda pediu para investir. O empresário vai investir quando ele percebe, durante alguns meses, que o produto que ele fabrica está sendo procurado e tem uma demanda grande. O que ele faz, no primeiro momento? Ele não faz uma nova fábrica, ele começa a convocar umas horas extras. E eu dizia para o meu ministro Guido Mantega: eu, quando estava nas empresas, eu percebia, na sexta-feira à noite, quando passava o chefe da seção com uma prancheta perguntando: “Quem quer vir trabalhar amanhã?” Ali, eu já sabia que as coisas estavam mais ou menos bem, que a indústria estava produzindo mais. Na semana em que não passava, eu pensava: “Tem coisa azedando aqui na nossa economia”. Depois que durante seis ou sete meses tem hora extra, o que acontece? Se estiver consolidada a hora extra, o que o empresário faz? Ele vai abrir um novo turno, ele vai dizer: “Já comporta, está consolidado, eu vou construir mais um galpão e vou contratar mais uns trabalhadores”. Passado mais um tempo, se tudo isso der certo e continuar crescendo, ele pode falar: “Eu vou expandir a minha fábrica em outro lugar, eu vou construir uma nova planta, eu vou contratar”.

Esse é um processo prático da atividade que vocês têm. E nós sabemos o que já passou a indústria automobilística, nós sabemos o que passou a indústria de autopeças neste País, nós sabemos o que passou o carro a álcool neste País. E, hoje, nós estamos vendo o quê? Nós estamos vendo que o Brasil está se apresentando ao mundo como uma alternativa competitiva neste mundo globalizado, com produtos de qualidade, alguns produtos de engenharia nossa: o flex-fuel é engenharia nossa, a Bosh que o diga, é engenharia nossa, é invenção nossa. E se o mundo tiver juízo, vai utilizar flex-fuel na Alemanha, vai utilizar nos Estados Unidos, vai utilizar em todos os países, mesmo na Arábia Saudita eles vão ter que utilizar flex-fuel, porque eles vão poluir menos o Planeta e nós vamos fazer com que o Planeta não fique esquentando como está agora.

Então, meus companheiros, eu vim a esta Feira para dizer para vocês o seguinte: nós temos que acreditar que a situação do Brasil, hoje, é uma situação altamente privilegiada. Muitas vezes, o empresário brasileiro tem até preocupação em não acreditar muito no trabalhador brasileiro, mas eu já ouvi de tantas empresas multinacionais – eu vou dar o nome aqui – seja da Ford, seja da GM, seja da Mercedes, seja da Nestlé, seja de todas as empresas que vêm para cá, dizer o seguinte: “Olha, Presidente, eu tenho 80 fábricas no mundo, eu tenho 70 fábricas no mundo, eu tenho 60 fábricas em 60 países, mas nenhuma tem a capacidade produtiva que tem o trabalhador brasileiro e nenhuma tem a criatividade que tem o trabalhador brasileiro”.

Ora, se nós temos mercado interno, se nós temos possibilidade de mercado externo – e não é tentar vender produto para a matriz na Alemanha ou para a matriz nos Estados Unidos, não, é vender onde nós temos condições de competir com eles, não na terra deles, mas nos vizinhos deles – se nós temos, hoje, todas essas vantagens, nós precisamos acreditar que quem não fizer os investimentos agora, daqui a três anos, quando eu vier em outra Feira, vai estar lamentando que não fez o investimento no tempo certo.

Eu quero dizer para vocês que a inflação não volta neste País, não volta. Quero dizer para vocês que não há nervosismo político que me permita brincar com a economia brasileira, porque eu já fui vítima dela como trabalhador, já fui vítima como dirigente sindical, e sei que muitos presidentes foram vítimas dela enquanto presidentes da República. Quem paga o pato, normalmente, é o

ministro da Fazenda, é o presidente do Banco Central, porque é muito mais fácil tirar os ministros, sendo que a seriedade tem que ser do conjunto do governo.

Para vocês, o que interessa não é saber se eu sou amigo de vocês. Eu não quero saber se vocês são meus amigos, eu quero saber é que nós somos brasileiros, ou investidores estrangeiros no Brasil, e que quanto mais transparente a política pública for com vocês, mais nós temos condições de exigir transparência de vocês para com o governo e para com a sociedade brasileira. Este País sério está sendo construído e não é obra do presidente Lula, não é obra de um ministro, é obra de um conjunto de seres humanos que fazem parte do setor de trabalhadores, do setor produtivo, do governo, e nós chegamos a esse ponto. Vocês sabem o “pão que o diabo amassou” que nós comemos em 2003. Se nós não tivéssemos feito o ajuste em 2003, nós não teríamos chegado a 2007 nessas condições que chegamos.

Há quem queira que o Brasil não dê certo? Há. Porque política no Brasil é que nem torcida de time de futebol: a gente está sempre achando que o adversário tem que perder, o adversário não pode estar certo. Eu que sou corintiano posso dizer isso para vocês, de cátedra. Entretanto, há um momento na nossa vida de homem público em que as coisas menores precisam ser discutidas de forma secundária e a gente pensar na oportunidade que este País tem agora. Se muitas vezes nós não gostamos de valorizar o Brasil, pergunte para os nossos companheiros argentinos, uruguaios, colombianos, chilenos, equatorianos, peruanos, alemães, qual é a imagem que eles têm do Brasil? Porque muitas vezes nós gostamos de nos achar pequenos. Nós nunca pensamos com a dimensão de um país que tem potencial de ser uma grande economia, de um país que pode participar do núcleo do G-8, de um país que pode ter inserção na economia mundial.

É possível hoje alguém negociar no comércio mundial sem ouvir o G-20? É possível? A União Européia, os Estados Unidos pensarem em fazer acordos sem sentar com o G-20 na mesa, em igualdades de condições? É possível alguém discutir reforma nas Nações Unidas sem conversar com os países que compõem o G-20? Não é possível. Porque em 2003 eu disse ao Celso Amorim: nós temos que mudar a geografia comercial do mundo. E a gente não muda a geografia comercial do mundo pensando pequeno, achando que nós somos

vítimas. Ah, tudo que tem de ruim no Brasil é por causa dos americanos, é por causa da União Européia, é por causa disso. Não. O que tem de ruim neste País e o que tem de bom é por nossa causa. E nós precisamos acreditar que nós podemos cada vez mais.

Eu, de vez em quando, estava brincando com o Pinheiro Neto, aqui, eu dizia: é engraçado, de vez em quando eu me reunia com a indústria automobilística, às 9 horas da manhã, e eles iam lá falar para mim: “Presidente, está tudo acabado, porque o dólar não sei das quantas, porque o câmbio não sei das quantas, porque a gente não está vendendo, o mercado interno não está vendendo”. Aí eles saíam, eu virava as costas, e estava lá na minha telinha: “indústria automobilística bate novo recorde, indústria automobilística vende, exporta mais.” Eu sei que é assim. Cada vez que eu pergunto para um empresário, individualmente, como é que está a sua empresa? “Ah, Presidente, este ano crescemos 30%. Presidente, as vendas estão quase chegando a 28%. Presidente, a coisa está boa.” Chegam a dizer para mim: “está bombando na minha empresa,” individualmente as pessoas falam assim. Quando juntam 10 ou 12, aí falam que a empresa está bem, mas o governo precisa baixar os juros, o governo precisa fazer política tributária, como se vocês não tivessem responsabilidade pela política tributária que nós temos, porque os deputados que estão lá e senadores fazem parte do cotidiano nosso no dia da eleição.

Então, é importante, companheiros, que no Brasil, em algum momento, a gente não fique olhando quem é o presidente da República apenas, o senador ou o deputado. Em algum momento no Brasil nós vamos ter que pensar que estamos no mesmo barco. Se este País der certo, todo mundo ganha, se este País der errado, alguns vão ganhar e a maioria vai perder, como é historicamente sabido no Brasil.

Essa juventude que assusta vocês hoje, e que me assusta, e muito mais do que me assusta, me angustia, essas notícias que a gente vê na televisão, de jovens matando jovens, são subprodutos dos erros cometidos pelo Estado brasileiro. É só imaginar o que aconteceu neste País de 1980 até há pouco tempo atrás para a gente perceber que o crescimento da economia brasileira e a política de distribuição de renda não davam resposta e não davam esperanças de vida para essa juventude. Nós vamos continuar assim? Ou esse desafio é meu, como presidente? E de vocês? Porque amanhã eu deixo a

Presidência, mas vou continuar como brasileiro. Vocês continuarão como empresários, se Deus quiser com a empresa cada vez crescendo mais.

Mas nós precisamos, de um lado, cuidar dessa meninada que está nascendo hoje, mas nós temos um estoque acumulado, de jovens de 17 a 24 anos, que estão sem a palavra mágica do emprego ou do estudo. Responsabilidade de quem? A gente poderia culpar o presidente da República, qualquer que seja ele, poderia culpar o governador, qualquer que seja ele. Mas por que nós não assumimos a culpa coletivamente? E saber que todos nós, em algum momento, tivemos uma vírgula de parcela da situação chegar assim?

Eu me lembro, nas negociações da década de 80, quando comecei a negociar no movimento sindical, na época os representantes dos empresários, no final da década de 70, não conversavam com a gente, nem sentavam na mesa, nós éramos comunistas, era o advogado que sentava. E quando a gente conseguia repor uma parte da inflação que tinha perdido, a gente já comemorava como vitória.

As coisas foram evoluindo, os trabalhadores foram evoluindo, os dirigentes sindicais foram evoluindo, e os empresários também foram evoluindo, não houve evolução de uma única parte. E, hoje, meus caros representantes das entidades, é motivo de alegria quando eu pego a notícia e o Dieese diz o seguinte: “96% dos acordos feitos no Brasil, no ano de 2006, foram feitos até a inflação. E, desses, 86% foram acima da inflação com ganhos de aumento real para o trabalhador brasileiro”. Essa é a boa novidade: a empresa cresce, as vendas crescem mas, junto com esse crescimento, aqueles que serão os nossos consumidores irão crescer também.

É este País que nós poderemos aperfeiçoar. É este País que, quando entrar a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, agora, a partir de junho; é este País, quando o Congresso aprovar todas as medidas do PAC; é este País, que vai votar a reforma tributária, que nunca vai ser justa. Não pensem que eu acredito que vamos aprovar uma política tributária, que eu vou chegar num plenário como este e todo mundo vai concordar. Até porque se eu pegar 10 de vocês e levar no cafezinho, tem nove propostas de política tributária diferentes entre vocês. Mas é este País, que seja justo para o setor produtivo, seja justo para o setor que trabalha, e a gente garanta muito mais justiça ainda para o setor que consome, que vai fazer deste País uma grande Nação.

Eu não sei quantas vezes eu já vim às feiras do Anhembi. Eu já estou quase sócio do Anhembi, de tanta feira que eu venho aqui. E virei a todas que for convidado, viu, meus caros representantes da Alcântara? Virei a tantas quantas me convidarem, porque eu acho que isso aqui é uma espécie de apogeu de quem acreditou a vida inteira; de quem foi dormir muitas vezes achando que estava quebrado; de quem foi dormir, muitas vezes, com uma dívida de 10 e acordou com uma dívida de 50; que tinha que mandar trabalhador embora e, muitas vezes, o saldo de indenização do trabalhador... ficava mais barato deixar o trabalhador trabalhando do que mandar embora.

Então, é esse conjunto de situações que é coroado numa exposição como esta. Aqui, numa exposição como esta, eu estou vendo os stands, ou seja, cada um está expondo aquilo que conseguiu fazer de melhor. Por aqui passarão milhares de pessoas para ver. E esse é o momento do prazer, esse é o momento do orgulho de cada um vocês voltar para casa e dizer: “Puxa vida, nós somos parte deste País que está dando certo. Porque aquele País que não deu certo já não existe mais”. Um outro Brasil está aí, e um Brasil que não é governo, é um Brasil que é sociedade brasileira, ansiosa por não jogar fora o século XXI como nós jogamos o século XX.

Meus parabéns a todos vocês. E que vocês possam, no ano que vem, me convidar e, ao invés de 2 milhões e 800 mil carros, termos aqui uns 3 milhões e 400 mil e as autopeças irão crescer muito mais.

Parabéns e boa sorte.